

O INSTANTE EXISTENCIAL NO CONTO *FELIZ ANIVERSÁRIO* DE CLARICE LISPECTOR

THE EXISTENTIAL INSTANT IN THE HAPPY BIRTHDAY TALE OF CLARICE LISPECTOR

Thyago Teixeira Farias¹

RESUMO: Este artigo apresenta uma análise do processo da epifania no conto *Feliz Aniversário*, que integra a coletânea *Laços de Família*, de Clarice Lispector, publicada em 1960. A reflexão pautar-se-á em estudos feitos por críticos de Clarice Lispector como: Cândido (1977), Sá (2000) Moisés (1979) e Santos (2012), acerca da epifania na narrativa clareciana. Conclui-se que as personagens femininas, submersas no momento banal e cotidiano, se veem em uma situação inesperada, e desúbito, ocorre-lhes uma revelação ou epifania, levando-as a possuir, a partir de detalhe ínfimo da existência, um conhecimento amplo e apofundado de si, modificando-lhes a compreensão da vida a sua volta.

PALAVRAS-CHAVE: Clarice Lispector. Epifania. Literatura.

ABSTRACT: This article presents an analysis of the process of epiphany in *the Happy Birthday* tale, which is part of Clarice Lispector's collection *Family Ties*, published in 1960. The work will be based on studies by critics of Clarice Lispector, such as: Cândido (1977), Sá (2000) Moses (1979) and Santos (2012) about the epiphany in the clareciana narrative. It is concluded that the characters, mostly female, in the banal and everyday moment, find themselves in an unexpected situation, and suddenly, a revelation or epiphany falls on them, causing them to become aware of themselves and changing their meaning. of life around you.

KEYWORDS: Clarice Lispector. Epiphany. Literature.

¹ Mestrando em pelo Curso de Mestrado Acadêmico em Filosofia da UECE. Prof. Especialista em Artes e Graduado em Letras pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA.

1 INTRODUÇÃO

Quando me comunico com criança é fácil, porque sou muito maternal; quando me comunico com adulto, na verdade me comunico com o mais secreto de mim mesma, aí é difícil. [...] O adulto é triste e solitário [...] a criança... (silêncio)... Tem a fantasia solta”²

(Clarice Lispector)

Este artigo consiste numa breve análise literária, cujo foco é o processo de epifania no conto *Feliz Aniversário* de Clarice Lispector, autora esta considerada pela crítica literária como uma artista prosadora do Pós-modernismo brasileiro.

A metodologia adotada para tanto foi a teórico-bibliográfica, sob a luz dos argumentos de Cândido (1977), Sá (2000), Moisés (1979) e Santos (2012), a fim de se perceber como o processo de epifania se deu na personagem central do já referido conto, a saber: Dona Anita, que participa de um aniversário realizado pelos seus familiares, em comemoração a seus 89 anos de idade.

Para compreender-se a aplicação da epifania no enredo relatado acima, dividiu-se esta pesquisa em dois campos de conceituação e análise textual.

No primeiro campo, buscou-se inicialmente entender os conceitos de Epifania, para em seguida reaplicá-los na seara literária, como efeito estético.

Em seguida, foi-se pontuando nos excertos do conto as escolhas da narrativa de Clarice Lispector, bem como as circunstâncias das quais se emanavam reflexões e interconexões com possíveis leitores, por meio da

² Trecho transcrito da entrevista de Clarice Lispector concedida à TV Cultura no Programa, em 01/12/1977.

identificação da situação (enredo) narrada.

Dando continuidade, realizou-se também uma complementação teórica ao aprofundamento do conceito de Epifania, por meio de uma abordagem do grau de intimismo provocado pelas tensões não escritas, mas *entrelidas* da autora, quando essa cria, ao contrário de um narrador tradicional em 3ª pessoa, um descritor consciente dos fatos e dos processos mentais das personas, que por sua vez, expressavam um fluxo de pensamento não escrito em matéria linguística (significante), mas lido e compreendido numa linguagem do pensamento.

Todas essas manifestações da escrita subjetiva e fugaz de Clarice Lispector trouxeram inovações para a literatura brasileira. Dentre essas inovações acentuam-se as suas características do que se convencionou classificar de *literatura do inconsciente*, mostrando com isso sua tendência de afastar-se da realidade e adentrar-se no universo íntimo do personagem.

Com essa ideia do inconsciente ligada à psicanálise, a autora evidencia o universo imaginativo, no qual se entende as realidades de forma mais complexa e indecifrável, relacionando-as com as suas angústias, amarguras e felicidades clandestinas.

Dessa forma a sua perspectiva intimista, retira o foco nos acontecimentos externos do personagem, e procura adentrar na *ação* interior, na mente e no coração, permitindo ao leitor, então, um olhar mais profundo de si, por meio da reação da personagem.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. A Epifania no conto *Feliz Aniversário* de Clarice Lispector

A palavra Epifania vem do grego *epiphaneia*, de acordo com dicionário

Houaiss³ significa aparição ou revelação de algo, normalmente relacionado com o contexto espiritual e divino.

Seguindo a essas mesmas definições de divino e religioso, há também menção do significado do referido termo na Bíblia Sagrada, a saber: na Primeira Carta de São Paulo a Timóteo, quando aquele pede a este para aguardar a manifestação do Senhor, isto é, a manifestação de algo divino.

Bauer (1983), no *Dicionário de Teologia Bíblica* remonta ao termo epifania “como uma irrupção de Deus no mundo, que se verifica diante dos olhos dos homens, em formas humanas ou não humanas, com características naturais ou misteriosas que se manifestam repentinamente, e desaparecem rapidamente” (apud SÁ, 2000, p.133).

Com o mesmo direcionamento do entendimento do efeito estético da epifania como um momento de revelação, no campo literário, no conto *Stephem Hero* de autoria de James Joyce, que mais tarde se transformaria em *Retrato do Artista quando jovem* a personagem autobiográfica Stephen Dedalus apresentava-se consciente de que

Por epifania, ele entendia uma súbita manifestação espiritual, que surgia tanto em meio às palavras ou gestos mais corriqueiros quanto na mais memorável das situações espirituais. Acreditava fosse tarefa do homem de letras registrar tais epifanias com extremo cuidado, pois elas representavam os mais delicados e fugidios momentos da vida. (JOYCE, 2012, p.188)

E esse instante sublime contemplativo e, ao mesmo tempo, revelador é bem comum nos destinos das personagens nos contos de Clarice. É uma revelação sobre a realidade, com aparição de algo pequeno e fugaz, mas que por um breve momento desnuda a mente a grandiosidade da tensão do existir. Ou seja, acontece em situações cotidianas e corriqueiras, mas que, por alguma razão, não explicada, a personagem passa a ver a situação circunstancial de maneira diferente, sob outro ponto de vista até então desconhecido, assim

³ HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*. Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

como nos confirma a autora a seguir após contato com uma das primeiras críticas de Massaud Moisés acerca da escrita de Clarice:

refere-se ao “instante existencial”, em que as personagens clariceanas jogam seus destinos, evidenciando-se “por uma súbita revelação interior que dura um segundo fugaz como a iluminação instantânea de um farol nas trevas e que, por isso mesmo, recusa ser apreendida pela palavra. (MOISÉS 1970 apud SÁ, 2000, p. 165)

Apesar de ser muito rápido, esse momento de iluminação constitui-se em um misto de emoções causando na personagem uma sensação de impotência e desconforto.

No conto *Feliz Aniversário* observa-se uma narrativa interiorizada e com tons “epifânicos” na composição estética do discurso que expressa o inconsciente da personagem principal, cujo nome é D. Anita. Esta participa de uma festa de aniversário dos seus oitenta e nove anos, que fora organizada pela sua filha, oportunidade na qual reúne boa parte da família.

O narrador inicia o enredo apresentando uma atmosfera emocionalmente hipócrita da celebração para aniversariante, numa comunhão familiar, cujas relações são evidenciadas de intrigas e desafetos, mas que por uma questão moral-diplomática, os membros em conflitos suportam-se, em virtude do contexto social do aniversário da matriarca da casa.

O marido não veio por razões óbvias: não queria ver os irmãos. Mas mandara sua mulher para que nem todos os laços fossem cortados – e esta vinha com o seu melhor vestido para mostrar que não precisava de nenhum deles, [...] a nora de Olaria, [...] aboletou-se numa das cadeiras e emudeceu, a boca em bico, mantendo sua posição de ultrajada. “Vim para não deixar de vir”, dissera ela a Zilda, e em seguida sentara-se ofendida. (LISPECTOR, 1998, p. 38).

Percebe-se que a família se sente obrigada a participar daquele momento. Deveria ser agradável, por tratar-se de um festejar de um membro familiar longo, que completaria seus 89 anos. Contudo o momento é encarado como um verdadeiro suplício por todos, principalmente para a filha

Zilda, quem organizara a festa. Pelo fato de conviver com sua mãe; a única mulher entre seis irmãos, que por sua vez, responsabilizaram-na, não só pelas festas anuais de aniversário, mas também pelos cuidados cotidianos de filha para com a mãe.

Fato esse revelado durante a narrativa, e que só faz aumentar a tensão conflitiva na atmosfera emocional durante o aniversário: “[...]” uma caixa de fósforos sequer para a comida da festa que ela, Zilda, servia como uma escrava, os pés exaustos e o coração revoltado. (LISPECTOR, 1998, p. 38).

Os contos de Clarice abordam na sua grande maioria personagens femininos, que se apresentam como sendo seres intrínsecos e misteriosos. Mulheres sobre as quais pairam as revelações, e que por consequência passam a ter uma postura caracterizada por uma tensão existencial.

Voltando ao conto em questão, observa-se nele que o narrador revela que a aniversariante é responsável pela união familiar. Ela é quem dá o laço na família. Porém aos poucos, a personagem vai percebendo as facetas e as incompatibilidades entre as noras, filhos e netos. Apesar de ela reconhecer a sua força genealógica original, mas que naquele momento, essa força esvaia-se no aniversário forçadamente mórbido:

Ela, a forte, que casara em hora e tempo devidos com um bom homem a quem, obediente e independente, ela respeitara; a quem respeitara e que lhe fizera filhos e lhe pagara os partos e lhe honrara os resguardos. O tronco fora bom. Mas dera aqueles azedos e infelizes frutos, sem capacidade sequer para uma boa alegria. (LISPECTOR, 1998, p. 40)

Assim como era nítida a insatisfação com seus frutos. Estes, por sua vez, toleravam o seu tronco por mera obrigação moral, desprovida de afeto:

Pusera-lhe desde então a presilha em torno do pescoço e o broche, borrifara-lhe um pouco de água-de-colônia para disfarçar aquele seu cheiro de guardado – sentara-a à mesa. E desde as duas horas a aniversariante estava sentada à cabeceira da longa mesa vazia, tesa na sala silenciosa. (LISPECTOR, 1998, p.37)

Como se vê a personagem está a mercê da solidão, embora tivesse em companhia de seus entes. É por meio dessa encenação banal e monótona, que a narrativa vai criando espaços para as digressões do pensamento de angústia, tão bem lido nas entrelinhas. Momento esse em que o leitor vai se aproximando do fluxo da conscienciada persona. Ou seja, através da narrativa no plano superficial dos fatos, vai-se mergulhando no plano profundo, inaudível, mas absorvidos intelectivamente os julgamentos de D Anita, assim como seu estado emocional. Inferindo-se, então, reflexões sobre como chegara aquele ponto; ou de como aqueles seres tão apáticos e vazios são seus filhos; e que nos risos soltos, fingiam uma felicidade. Não se lê, mas se sente amargura vivida nesse instante.

Há apenas o silêncio da personagem principal em disputa com o som das falas dos convidados, que por sua vez, não se entendem. E é sobre esse terreno, que se vão, conforme dizem Santos (2012, p.129), formulando-se as questões existenciais:

A esse “silêncio” da palavra (constatável pela série de sintagmas como “Vim para não deixar de vir”; “Oitenta e nove anos, sim senhor”; “hoje não se fala em negócios!”; “Até o ano que vem!”) contrapõe-se a própria palavra do silêncio, que a aniversariante passa a significar. E não é mesmo por puro jogo de linguagem que emprestamos esta distinção ao texto, e sim para que com ela nos encaminhemos a outra direção, a das questões existenciais que se estruturam a partir da imagem da ausência e do silêncio.

Então, o narrador após criar um vínculo virtual do leitor com a personagem, desloca o olhar daquele para o ponto máximo, que é a hora exata da epifania; a que dará o significado relevador da existência da personagem no mundo.

De vez em quando consciente dos guardanapos coloridos. Olhando curiosa um ou outro balão estremecer aos carros que passavam. E de vez em quando aquela angústia muda: quando acompanhava, fascinada e impotente, o voo da mosca em torno do bolo (LISPECTOR, 1998, p 34)

E conforme explicitado anteriormente, a epifania por meio de elementos ínfimos e banais, como a buzina dos sons dos carros e voo da mosca. Tudo isso em torno de um bolo, parado, colorido. A própria velha sentada, e os carros buzinando, num desentendimento comum a um trânsito, os próprios filhos e netos, com suas individualidades e indiferenças, mesmo que circulando numa mesma avenida (a casa onde há a festa de aniversário).

A narrativa segue sempre atenta a toda a cena, sem se descuidar de nenhum, detalhe; atento aos fluxos de consciências e a epifania, que ajudam a tensão do conto a centrar-se na reação e, não na ação das personas:

O mesmo narrador que apresenta os acontecimentos e seus participantes, que avalia e lhe penetra na consciência, tem, em relação à aniversariante, diferente atitude. Focaliza-a inicialmente por flashes instantâneos, tomando-a apenas pelos aspectos visíveis, pela exterioridade e pelo silêncio, reforçando com isso a capacidade que constitui a expressão fisionômica da velhice, interdita a ele próprio narrador, como se só a pudesse ver por fora. Intercalando-se aos fatos e a sua agitação, repete-se com insistência a imagem: “A velha não se manifestava.” Podemos daí depreender que o texto se desenvolve, em relação à festa, pelo jogo entre silêncio/fala, quietude/movimento, e, em relação ao narrador quanto a seu objeto narrado, pela dualidade entre conhecimento total e conhecimento parcial. (SANTOS, 2012, p.132)

No enredo, Dona Anita permanece ali imóvel, “A velha não se manifestava.” (LISPECTOR, 1998, p.37); “Os músculos do rosto da aniversariante não interpretavam mais, de modo que ninguém podia saber se ela estava alegre”. (LISPECTOR, 1998, p.37).

Contudo, a epifania desinstala certa inocência em relação ao que acontecia ao redor da aniversariante. No íntimo revelou-se inquieta com aquele momento proporcionado. Sentia vergonha dos seres que ela mesma gerara: “Como?! como tendo sido tão forte pudera dar à luz aqueles seres opacos, com braços moles e rostos ansiosos?” (LISPECTOR, 1998, p.40)

Todas essas reflexões causam repulsa na aniversariante e ela acaba reagindo através de duas inesperadas e incompreensíveis atitudes: uma cuspidada que deixou todos os familiares em saia justa; e um pedido de vinho. Estas atitudes denunciam a sua indignação íntima e ao mesmo tempo retiravam as

máscaras convencionais das pessoas ali presentes.

Nesse ponto é interessante adentrar-se no sentimento da idosa, quando esta não considera os seus filhos a ponto de não se ver refletida naqueles. Não havia na ótica dela, traços comuns, nenhuma herança sequer da sua personalidade. Eram seres opacos, não transpareciam seus sentimentos, que não lhe passavam segurança, e de “rostos ansiosos” que desejam retirar-se daquela situação, que para eles mostrava-se um estorvo. Tudo isso é perceptível através do uso de vocábulos e elucubrações da própria narrativa:

Detendo-nos, por ora, sobre os dados semânticos mais pertinentes (grandeza: grande, longa; tesa; ausência: vazia; silêncio: muda, silenciosa), reconhecemos que todos se ligam à velhice e formam um sistema de valores antagônicos à maioria dos componentes da festa. A diferença entre “origem” e “descendentes” gera o clima de conflito geral, além da inquietação e da insegurança, resultantes do desconhecimento sobre o que se oculta sob a fixidez da expressão fisionômica. A velhice não é tão só silêncio, força, possibilidade de ruína, como também impossibilidade do fácil deciframento. É, no familiar, a presença do estranho. (SANTOS, 2012, p. 134)

9

Na sua velhice em vez de consentir e de acolher a união de seus pares familiares (no caso as noras), repudiava-os, exceto um neto. Ela os considera carne do seu joelho, isto é, algo que está muito distante dos seus sentimentos maternos. Desse modo, as circunstâncias retratadas pela protagonista fazem-se refletir sobre os valores familiares, e de como eles estão sendo repassados ao longo dos anos. Este conto denuncia a superficialidade presente nas relações sociais, inclusive das mais íntimas.

O narrador permite ao leitor adentrar no sentimento que perpassa de um personagem ao outro, cogitando a uma crítica valor moral.

Diferente dos textos escritos pela autora, o conto *Feliz Aniversário* traz uma situação familiar, na qual o foco dos personagens não se prende apenas em um só fluxo de consciência, mas o foco do narrador transita entre dona Anita e sua filha Zilda. Todavia, o efeito da epifania na organização dos enunciados é de uso exclusivo daquela.

A narrativa apresenta vários componentes, como: nota-se a

individualidade de cada um, tratando-se não só de uma aglomeração de personagens.

Assim, constatar-se-á que a autora buscou não somente o todo, mas a particularidade, o íntimo, adentrando no universo de cada membro envolvido no conflito.

Nota-se que a Zilda, por exemplo, não organizou a festa de aniversário da mãe por vontade própria, mas para cumprir uma obrigação, como forma de mostrar para a família que se dedicava à mãe. Assim, percebe-se no texto as perspectivas frustrantes de Zilda ao realizar tal evento:

Mas ninguém elogiou a idéia de Zilda, e ela se perguntou angustiada se eles não estariam pensando que fora por economia de velas – ninguém se lembrando de que ninguém havia contribuído com uma caixa sequer para a comida da festa que ela, Zilda, servia como uma escrava, os pés exaustos e o coração revoltado.... a dona da casa guardava os presentes, amarga, irônica. (LISPECTOR., 1998, p.58)

10

O narrador revela o quanto ela, Zilda, sente-se irritada, por ter de arcar com essa tarefa. Percebe-se também que tal situação se torna um fardo, ter que assumir as responsabilidades, não apenas de realizar a festa, mas da difícil missão de cuidar da mãe na velhice.

O narrador proporciona enxergar Zilda como o ser que se empenha em manter o laço familiar inexistente. Os demais membros estão insensibilizados com o momento de comunhão, repelindo apenas suas frustrações e desconfortos por ter que aturar uns aos outros.

Percebe-se também a inquietação dos personagens visivelmente manipulados pelo dever de participar da festa, demonstrando aspirações ao fim do acontecimento.

a nora de Olaria empertigada...; a nora de Ipanema na fila oposta das cadeiras fingindo ocupar-se com o bebê para não encarar a cunhada de Olaria; [...] insinuando-se em fingidas acotoveladas de animação, cada um para a sua pazinha. [...] só no próximo ano seriam obrigados a se encontrar diante do bolo aceso; (LISPECTOR., 1998, p.55)

Desta forma eles se vão, cada um para a sua rotina, e só no próximo ano, se a “velha” existir é que eles serão obrigados a suportar aquele evento novamente.

O conto termina sem expectativas, sem um desfecho. A epifania não causa necessariamente uma transformação no plano superficial da situação enredada. Mas no leitor algo se modifica em relação à situação inicial, assim como a personagem, no plano íntimo e profundo, ao criarem o sentido, a partir das coisas que lhes surgem:

[...] Mais enigmática que o pensamento, é a “coisa”. A coisa que está às mãos milagrosamente concreta. Inclusive, a coisa é uma grande prova do espírito. Palavra também é coisa - coisa volátil que eu pego no ar com a boca quando falo. Eu a concretizo. A coisa é a materialização da aérea energia. Eu sou um objeto que o tempo e a energia reuniram no espaço. As leis da física regem meu espírito e reúnem em bloco visível o meu corpo de carne. (LISPECTOR, 1999, p. 104)

Os seus contos nem sempre terminam como as personagens gostariam. E as reflexões não garantem alguma mudança posterior, uma tomada de consciência, por exemplo, para correção de algo. Assim sendo, a epifania é um acontecimento inexplicável assim como o seu objetivo final, portanto, cabe ao leitor dialogar com os acontecimentos, uma vez que neste enredo

A unidade de tempo, isto é, essa confrontação do tempo real com o tempo psíquico, corta nos dois extremos a temporalidade das relações humanas, quer se trate da duração sócio-história ou da duração vivida, individual, das relações dos homens e de seu passado, do retorno do passado como reprimido (...) é no extracênico, isto é, no discurso das personagens que se lê a relação do indivíduo com a história. (UBERSFELD, 2005, p.127)

Portanto, só se acompanha a história do conto, quando o leitor se concentra no extracênico da personagem narrada, naquilo que não se verte em palavras, mas se apreende pelas reações e sensações de Dona Anita, parada, com olhar fixo, vestida de aniversário, em silêncio, cercada por familiares tagarelas. O que ela pensa? Ao se perguntar, inicia-se então a verdadeira trama,

de natureza íntima.

2.1.2. A narrativa intimista de Clarice Lispector como estética da epifania

Nas obras de Clarice, os personagens vivem um momento do seu cotidiano causador de um incômodo. Nesse contexto, o leitor é convidado a fazer parte da trama, pregando um tipo de caos emocional no qual o protagonista é submerso.

Nesse sentido “A descoberta do cotidiano é uma aventura sempre possível, e o seu milagre, uma transfiguração que abre caminhos para mundos novos” (CÂNDIDO, 1977, p. 128). Um pequeno ocorrido do dia a dia causa na personagem um momento desconfortável, sucedendo uma reflexão, a chamada epifania. Levando-os a um aprendizado adquirido por meio desse momento caótico.

Em relação ao papel do escritor, Clarice Lispector (2004, p. 63) diz: “A literatura deve ter objetivos profundos e universalistas: deve fazer refletir e questionar sobre um sentido para a vida e, principalmente, deve interrogar sobre o destino do homem na vida”.

Percebe-se que em suas obras a autora traz uma obstinação em imergir o leitor no universo de seus personagens, que se utilizam de uma semântica embora próxima, mas de significação própria no contexto da trama, evidenciando dessa forma a insuficiência da linguagem em fazer reverberar o sentimento, como se um significante não suportasse semanticamente o significado que se pretende mexer, conforme revela o crítico literário Antônio Candido:

O seu ritmo é um ritmo de procura, de penetração que permite uma tensão psicológica poucas vezes alcançada em nossa literatura contemporânea. Os vocábulos são obrigados a perder o seu sentido corrente, para se amoldarem às necessidades de uma expressão sutil e tensa. (CANDIDO, 1977, p. 129).

Além da perda da expressão original do vocábulo, há também a perda na condução do fabular: na sua poética intimista e subjetiva a grande

característica de Lispector é a ausência de linearidade, à medida que não apresenta enredo com começo, meio e fim. Nessa concepção, considera-se que sua narrativa literária se opõe a linguagem literária produzida no Brasil na época. Ao usar-se da não linearidade factual distancia-se das prosas neorregionalistas; abre-se desse modo um certo experimentalismo prosaico, num “ritmo de procura, de penetração, que permite uma tensão psicológica poucas vezes alcançada em nossa literatura contemporânea” (CÂNDIDO, 1977, p. 129).

A autora tem a sapiência de revelar as transfigurações dos seus personagens de modo profundo e Epifânico. As narrativas expõem os grandes conflitos do ser humano, percorrendo com lume as regiões mais profundas e inexpressáveis da alma, unindo razão e empatia por meio de uma linguagem excepcionalmente poética. Suas personagens passam por situações hostis ou arriscadas nos remetendo aos seus mundos imaginários repletos de sensações, propiciando aos leitores as emoções fluidas e desordenadas das personagens, revelando várias formas de epifanias:

Assim como existe em Clarice toda uma gama de epifanias de beleza e visão, existe também uma outra epifania, de epifanias críticas e corrosivas, epifanias do mole e das percepções decepcionantes, seguidas de náusea ou tédio; seiosflácidos da tia que a colhem depois da morte do pai, o professor hipocondríacorodeado de chinelos e remédios, o marido Otávio fraco e incapaz de agredir a vida, a barata, massa informe de matéria viva. (SÁ, 2000, p. 200)

Em Clarice existe uma inquietação constante de construção de sentidos. Por vezes, essa inquietação ocasionou uma verdadeira necessidade de libertação. Assim, essas sondagens interiores cotidianas lhe impõem a busca de solução, de respostas. Tornando-se um desafio à construção de um sentido existencial, quem quase sempre não mostra o encantamento ou uma bênção, ou mesmo uma graça, mas a existência frágil e tediosa antes não percebida; sem tomada de consciência dos apuros da almana dia a dia. Não se persegue o homem para descrevê-lo, mas para *sê-lo*, com todas as suas fragilidades. E a partir disso, criar dignidade.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o desenvolvimento da análise da epifania como efeito estético na narrativa do conto *Feliz Aniversário* de Clarice Lispector, conclui-se que a técnica de composição não só de suas personagens, mas também das ações dessas, faz com que a escritora possa se aproximar cada vez mais do íntimo universal dos leitores, independente da cultura ou da classe social a que pertencem.

Por meio estudo do conto em questão, também foi notório perceber o grau dessa intimidade e do reconhecimento da *cartáse*, sobretudo, nos receptores-leitores que convivem em sociedades tidas como civilizadas, cuja base é a família. Esta com seus conflitos peculiares, e que no conto esses conflitos comuns tecnicamente narrados sem alarde, trazendo a revelação silenciosa e eficaz dos laços aos quais todos se unem para evitar a solidão. Claro que se afastar da solidão procriando os frutos não é certa a garantia de se estar no futuro acompanhado, como visto na obra. Da mesma maneira que se mostrou D. Anita no enredo, calada com o peso do matriarcado, aos 89 anos suportando tantas reflexões sobre a sua existência, algumas dessas reflexões *entrelidas*; outras ainda por se saber, já que o pensamento é fluido, indefinido. Além disso, mostrou-se também uma representação social do idoso como estorvo, tema tão caro em nossa contemporaneidade. Tudo isso dito com muita delicadeza, sem protesto, mas com denúncia fina e sofisticada, capaz de comover a qualquer um, mesmo que ao comover revele também a tragicidade do destino humano. E de posse dessas epifanias, verdades elucidadas, conviver nos limites da suportabilidade e da razoabilidade da existência.

4. REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. No raiar de Clarice Lispector. *In: Vários escritos*. São Paulo: Duas cidades, 1977.

GOTLIB, N. B. *Clarice - uma vida que se conta*. São Paulo: Ática, 1995.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*. Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

JOYCE, James. *Epifanias*. Tradução de Piero Eyben. São Paulo: Iluminuras, 2012.

LISPECTOR, Clarice. Feliz Aniversário. In: *Laços de Família*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998.

LISPECTOR, C. *Um sopro de vida*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

SÁ, Olga de. *A escritura de Clarice Lispector*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. "Laços de Família e A legião Estrangeira". In:

Análise estrutural de romances brasileiros. 7. ed. São Paulo: Ática, 1990.

SANTOS, Roberto Corrêa dos. *Clarice*. São Paulo: IMS - Instituto Moreira Salles, 2012.

UBERSFELD, Anne. *Para ler o teatro*. São Paulo: Perspectiva, 2005.